

Este é' para o Enio

NOSSO JORNAL

Orgão dos alunos das EE. Normais Secundária e Sup. Vocacional
do Instituto de Educação de Florianópolis

Diretor: HERCÍLIO DE FÁVERI

Redator-Chefe: ALMIRO CALDEIRA DE ANDRADA

Gerente: SELENE FERNANDES

ANO I

FLORIANÓPOLIS, 28 DE JULHO DE 1937

NUM. 1

Vultos do Passado

Jerônimo Francisco Coelho, o precursor do jornalismo
catarinense.

(Composição de A. Caldeira, III
ano Sec.)



JERÔNIMO COELHO

«NOSSO JORNAL» inicia a seção
— «Vultos do Passado» —, cujo
objetivo será a um tempo honrar
o biografado e instruir o leitor.

Sendo assim, nada mais justo que
iniciá-la estudando o perfil ilustre
do primeiro jornalista catarinense
— Jerônimo Francisco Coelho.

Nasceu na vizinha cidade da La-
guna no trigéssimo dia do mês de
setembro do ano de 1896.

Seus pais chamaram-se: major
Antonio Francisco Coelho e D.
Francisca Lima do Espírito Santo
Coelho.

Matriculou-se na Escola Militar,
onde, sendo muito estudioso, logrou
obter os diplomas de matemática
e engenharia.

Formou-se nessa escola, e, ao sair
dai serviu no exército, à princípio
na arma de artilharia e depois no
corpo de engenheiros.

Subiu, no exército, até ao alto
posto de brigadeiro.

(Continúa na 4ª pag.)

NOSSO APARECIMENTO

Com a hesitação de uma criança
timida perante um mestre carren-
cudo, assim chega-se o primeiro
número de «Nosso Jornal», perant-
te a critica austera.

Prazer nos seria dado, se o car-
rancudo mestre amiegasse o seu
aspecto com um sorriso acolhedor.

Para tal, foi nosso esforço e, se
assim não for, não seria por falta de
vontade, mas sim, de competência
ou antes por falta de ensaios.

(Continúa na 4ª pagina)

N.º 1.

QUINTA-FEIRA 28 DE JULHO DE 1937

O CATHARINENSE

Subscreva-se para esta folha em casa do Redactor na rua do Lura-
mento, e nas lojas de José Castanho e Freixo na rua Augusta, e f. c. c. c.
da Santa Lucia na rua do Principe, e nas lojas de José Maria da Luz
na rua Augusta, e Joaquim Machado da Silva no Largo da Igreja; o
preço da assinatura he 10000 rs. por trimestre.

Si o critica mordaz censura a imprensa,
Quem não escreve, então, que faz? que pensa?

UNIÃO E LIBERDADE, INDEPENDENCIA E MORTE

SANTA CATARINA, NA REPUBLICA E O CATHARINENSE, RUA HOLIVELANDIA.

Agora que me acho na terra onde primeiro vi a luz do dia, rodeado de
os meus Patricios, cheio de prazer e alegria elles me dirão: «Sã, brava
Catharinense, o amor de minha patria, o amor a minha Provincia, he
hoje dirige minha pena; em meus escriptos não tero de apressa, pu-
ros raios de sublimidade, com todo meu estilo, toda que tude, e exprimi-
samente a linguagem pura da verdade; despidido da lisonja e das vit. adul-
gações, e não tributarei homenagem, sinão à lei, à razão e à justiça.

Nascido entre vós, posto que educado no longe, sempre conservei no
do do coração hum sentimento oculto, que me chamava para vós, e pro-
eu não tivesse idea alguma de minha terra, achava imaginando constan-
tamente m'a pintura como a terra bella de todo o Brasil; e mil vezes
fentei vir visitar os lares patrios, porém milhas circumstancias o im-
possibilitava, até que finalmente offerecendo-se me a occasião favoravel, vo-
luntariamente me apressei para a patria, que me vio nascer: e esta
patria de liberdade não foi porvida pelo cordido interesse, e sim pelo amor
patrio, pois desai e despo, onde fui educado, onde vivi por mais de vinte
de annos, e onde finalmente deixei grande numero de amigos, para vir
dum nova passagem para nova Patria.

Fac-simile do «Número-programa» do 1º jornal publicado em Sta. Catarina

NOSSO JORNAL

(órgão dos alunos das EE. N. Secund. e Superior
Voc. do I. de E. de Fpolis)

EXPEDIENTE

DIRETOR: Hercílio de Fávéri.
GERENTE: Selene Fernandes.
REDATOR - CHEFE: Almiro Caldeira de Andrada.
REPORTERES-REPRESENTANTES:
1º. Ano: Arno Beck.
2º. " : Dalmiro Duarte Silva.
3º. " : Abelardo Souza.
4º. " : Zélia Bessa Veiga.

COLABORAÇÕES: — Com prazer recebemos qualquer colaboração. Deverão as mesmas ser entregues ao Redator-Chefe, Almiro Caldeira de Andrada, pessoalmente ou pelo correio à Rua Joinville, 37.

IMPORTANTE: — Na seção "Respondeu...", mantida por este jornal, os colaboradores poderão saber qual destino tiveram seus trabalhos. É permitido o uso de pseudônimos, uma vez que a Direção não heça o verdadeiro nome do colaborador.

Honra ao Mérito

A quem honra, honra, é recomendação apostólica e seria infringi-la o deixarmos de assinalar aqui os nomes dos alunos que se destacaram, obtendo maior número de ponto, nas últimas provas realizadas.

Na ordem decrescente temos:

4º ano:

Nesta classe conseguiu o primeiro lugar o jovem Hercílio de Fávéri, nosso estimado amigo e diretor desta folha; com 83 pontos.

O segundo lugar coube à sta. Dezauda Bosco, com 81,5 pontos; e o terceiro à sta. Ligia Brazinha com 80,5 pontos.

3º ano:

Alcançou o primeiro lugar no 3º ano a Sta Selene Fernandes, que vem exercendo com grande esmero o cargo de Gerente deste jornal; obtendo 154 pontos.

Os 2ºs e 3ºs lugares conseguiram as Stas. Leoneli Serafim e Helenita Müller com 152,5 pontos e 150,5 pontos, respectivamente.

2º ano:

Conquistou o primeiro lugar a sta. Lacy Serafim, com 130,5 pontos.

Os 2º e 3ºs lugares obtive-

Nosso jornal surgiu! Ha de ir avante!

O nosso almejo se concretizou!

Saibamos com calor perseverante

Sustentar sempre o esforço que o criou,

O entusiasmo que nos animou.

Juntemo-nos para isso com paixão.

O que faz o poder é a união.

Reafirmemos hoje bem patente,

Nossa promessa de não fraquejar,

A fim de que possamos nobremente

Louros virentes sempre conquistar.

FELICIDADE

(Crônica de Selene Fernandes,
do III ano Sec.)

Especial para «Nosso Jornal»

É noite. Calma absoluta reina sobre a terra. O ar tédido está embalado pelos ja-mineiros em flôr, e o céu bordado de estrelas, flores de lógo, que o adornam e nos encantam. A lua cheia derrama a sua luz de prata liquefeita sobre as paisagens azuladas, tornando-as fantásticamente belas, quasi irreais.

Foi numa noite maravilhosa assim, que a fugitiva fada azul da felicidade, deixando o seu longínquo reino dos sonhos, toda envolta em nuvens doiro e rosa, veio trazer aos homens um sorriso que os alegrasse.

Escolheu para sua visita a noite, porque é ela que acolhe e guarda em seu manto negro os sonhos mais coloridos de todos os mortais.

Só desse modo, a fada dos cabelos da côr do sol poderia conhecer os mais íntimos anseios dos homens, para satisfazê-los. E foi ver o 1º sonho. Era o sonho de uma criança. Via o futuro e para aquele ce-

ram as stas. Dagmar Müllere e Adir Dobes: com 125 pontos e 121,5 pontos, respectivamente.

1º ano

O primeiro lugar nesta classe foi obtido pela sta. Aurea Bauer, com 118 pontos.

Os 2º e 3º lugares foram conquistados pelas stas. Altair Amorim e Clelia Zanini, com 115 e 110 pontos, respectivamente.

A' todos enviamos sinceras felicitações.

rebro infantil a felicidade consistia em já ser grande e poder mandar em vez de sempre obedecer.

A fada sorriu e continuou a sua jornada benfazeja em busca de outros sonhos.

Viu o 2º. Era o sonho de um estudante. Para este a felicidade aparecia, mas só de longe, inacessível. Só a poderia alcançar quando trocasse a sua escola por outra, superior, e por isso deixar a escola era a sua máxima aspiração.

A fada sorriu um sorriso cheio de mistério e continuou bondosa a ver os sonhos.

O 3º era o dum moço pobre que sonhava com a única felicidade que concebia na vida: o dinheiro.

A fada sorriu ainda e foi assim vindo um a um todos os sonhos.

Uns queriam o amor, outros a gloria, outros grandezas.

No entanto alguns homens velavam, sob o peso de alguma grave preocupação.

Estes não foram vistos, por felicidade, porque no seu reino também havia deveres e um deles era não se deixar ver por nenhum mortal. Do contrário perderia o seu poder e as promessas que ela fez, sorrindo apenas, jamais se realizariam. E viu, naquele curto espaço de tempo que vóou por sobre, a terra, que aqui, nem sendo fada se pode satisfazer a todos.

O céu porém já clareava e urgia partir.

Batendo as azas da côr da auro-ra voltou para o seu reino ignoto, levando consigo os desejos insatisfeitos dos habitantes da terra.

E os satisfez. A criança cresceu e mandou. O estudante deixou a escola em busca de outra.

O rapaz pobre, enriqueceu. Quem quiz a gloria a possuiu, quem preferiu o amor foi com ele satisfeito.

E ironia da vida! Continuaram todos tão infelizes como dantes.

Teria sido má a fada sorrindo a todos os desejos?

Junto à sargeta

(Pequena crônica de A. Caldeira do III ano Sec.)

Um gemido surdo, qual o grito duma ave abatida, partiu da boca ressequida duma creatura infeliz — dum leproso.

E'ra a tristeza transformada em som.

E'ra um coração esmagado a sofrer de dór!

O infortunado chorava.

Chorava e meditava.

Seu choro, partindo do coração, transbordava nos olhos esbranquiçados; — sua meditação era mais uma fonte de amargo choro.

Inclinou a cabeça no imundo meio fio da via pública.

Para que chorar? — Por acaso chorando tornaria mais suave seu destino escabroso? — perguntava de si para si.

Não encontrou resposta; deixou de chorar, mas não de lastimar-se.

Isto já lhe era mais ou menos familiar...

Aninhou-se no leito portátil. — o seu capote.

Talvez conseguisse dormir, e, assim, por alguns instantes, deixar de lado sua melancolia.

Neste ponto foi ele sacudido pelo batique de um samba.

Ficou por alguns momentos pensativo, que seria aquilo?

— Ah! sim, agora sabia. E'ra um festival. Riam... Brincavam, enquanto ele sofria.

Era-lhe chocante ouvi-lo. Se ha pouco chorara, e para isso tivera motivo; agora lhe sobejavam razões.

E, muito pausadamente, balbuciou maléfico:

«Seres cruéis, malvados, perversos, promovem festas, sem pensar, no sofrimento alheio.

A creança cresceu e conheceu a desventura de ter que mandar a si e aos outros por faltar quem o mandasse.

A felicidade só sorriu ao estudante enquanto ele estava na escola. Ao deixa-la, conheceu bem o mundo e ficou saturado das suas maldades.

O novo rico meteu-se em festas e loucuras tais, que em pouco tempo era mais infeliz que nunca.

Quem teve o amor, não sofreu menos do que quem o sacrificou à gloria.

E os que velavam ficaram como antes, sem o consolo de um sonho satisfeito.

Demais, que adiantaria satisfazê-los?

Sempre máus e descontentes, in-

da não temos um, queremos outros.

Somos por demais egoístas para

ermos felizes.

Sambas... bailados... em suma: Alegria...

Ah! a alegria! se eu a pudesse ter...

E ela aqui, bem pertinho de mim, e eu sem a poder segurar!!!

Deixou escapar um soluço sufocado.

E o samba continuava: «No taboleiro da banana tem...

Canção de lamentar-se sem mais lágrimas para chorar, e, embalado pela música, adormeceu.

Dormiu e sonhou.

No sonho, via-se no meio daquele folgado, a participar da alegria reinante.

Num dado momento a música parou.

Ele se aproximou duma tenda.

Pode observar uma senhora idosa que, no interior da tenda, encharcada em suor, atende a multidão irrequieta e apressada.

Uma voz lhe segredou:

«Vês todo este sacrificio, todo este cansaço? — pois é feito unicamente para te servir!

O dinheiro que se arrecada nesta festa é para melhorar a tua sorte e a dos teus filhos.

Ainda parecendo distinguir este falar severo e dóce acordou-se o infeliz.

Ponderou: «Evidentemente, foi um sonho; mas é verdadeira a lição que encerrava.

Sim, fui injusto; a intensão deles não é magoar-me; — eu é que os ofendi com os meus pensamentos temerários: quasi nem mereço seus sacrificios...

Assim pensando, adormeceu o cotado.

Dormiu embalado pelo conforto da solidariedade humana.

UMA PIADA

Isto se deu no ano passado.

A M. L. M. assistia, distraída como sempre, uma aula de História.

O professor, depois de falar sobre o Marquês de Pombal, fazendo ver que ele, a par de excelentes qualidades de governante, tivera resoluções censuráveis como a de perseguir duramente os jesuitas e a nobresa, passou a falar sobre o terremoto de Lisboa, quando a ação do grande ministro se fizera sentir benéfica e louvavelmente.

Deteve-se a falar sobre os horribes estragos e perdas de vida causados pela catástrofe.

Foi quando a ingenua e distraída M. L. M. o interrompe para exclamar, entre revoltada e comovida supondo tratar-se do Marquês de Pombal:

Que horror! Que homem cruel!!!

RESPONDENDO...

(Secção onde «Nosso Jornal» mantém sua correspondência).

AFONSO — 1º Ano — Nesta: — Gostei muito de seu trabalho.

Afonso, não foi presentemente publicado pela restrita falta de espaço. Continue a enviar mo. Grato.

ABELARDO SOUZA. — 3º Ano — Nesta: — Ora muito bem «Seu B. Lardo» você é «bamba» mesmo. «Fantasia» foi publicado neste número. Agradecido.

FRANCISCO B. SILVA — 1º Ano Nesta: — As «palavras cruzadas» que você me enviou estão boas. Se não foram publicadas neste número, foi unicamente por haverem chegado tarde. Brevemente serão publicadas. Muito agradecido.

HERBERTO F. TIBAU — 3º Ano

(Acróstico de A. Koerig, do III ano Sec.)

Belas montanhas, lindas paisagens
Risonhos lagos da cor de anil
Ah! Que suaves, brandas aragens
Sopram na terra do meu Brasil!
Imensas, fortes, ricas nações
Lá fóra o invejam, com mil razões.

MAJOR OLIVIO AMORIM

«Nosso Jornal» presta, neste singelo topico, a homenagem do seu respeito, ás elevadas virtudes civicas e morais do sr. major Olivio Januario de Amorim, digno prefeito de Florianopolis, falecido nesta capital a 22 de junho de 1937.

Nesta —: Seus versinhos sobre a noite de S. João não foram publicados neste número devido a falta de espaço. Grato.

João Dias — 1º Ano — Nesta: — Breve serão publicadas as «palavras cruzadas» que você me enviou. Agradecido.

AYRES KOERIG — 3º Ano — Nesta: — Seus acrósticos estão bem feitos. «Brasil» foi publicado. «Deus brevemente o será. Grato.

SIR LAIMOR

Fantasia

(conto de A. Souza, do 11.º ano Sec.)

Tarde primaveril.

O sol, esfera de luz ardente, desaparecia pouco a pouco no horizonte, deixando luminosos raios a refletirem-se pelo espaço além.

Belíssima era então a paisagem que a natureza nos apresentava.

O crepúsculo, tenue resplendor de luz, descia sobre as magestosas cristas do morro, que situado ao fundo da baía, mirava-se nas águas, ufano da sua soberania.

Andréa sentada, pensativa, em uma cadeira que ela própria levantara para a frente de sua modesta habitação, pensava em mil coisas de amor, quando de súbito avistou na estrada cinco moços, os quais se aproximavam lentamente.

Neste momento Andréa sentiu em si um quê de anormal: notara que entre os cinco moços estava o seu querido e inesquecível noivo, que havia já muito tempo se achava ausente.

Ele também logo que a pôde conhecer e ter certeza de que evidentemente era sua amada noiva, a mulher de seus sonhos, ficou de tal forma possuído, que deixou os seus bons companheiros e correu em direção a ela, que já o esperava quasi a desmaiara de prazer, porque ia estreitar em seus braços o homem a quem consagrava seus pensamentos e afetos mais santos.

Estreitaram-se longamente em um amoroso abraço que só terminou à chegada dos companheiros do ditoso noivo.

As auras entoavam o hino divino do amor, e os pássaros já tinham trinado o último adeus à Natureza.

Anoteçera.

Vultos do Passado

Continuação da 1.ª pag.

Voltou à sua terra natal, e em 1831, fundou o jornalzinho «O Catarinense».

Sob esta epigrafe foi distribuído no dia 28 de julho de 1831, na velha cidade de Nossa Senhora do Desterro, capital da Província de Sta. Catarina, uma página impressa: era o «número-programa» do primeiro jornal a que a terra barriga verde, amada e amorosa, iria servir de berço.

E, a 11 de agosto do referido ano, surgiu o número primeiro do «O Catarinense» — centelha luminosa

NOSSO APARECIMENTO

Cont. da 1.ª pag.

A continuação, porém, estamos certos, nos tornará mais aptos e corajosos.

Não vos esqueçais, no entanto, dignos leitores, que, antes de formardes a vossa opinião sobre esse trabalho, deveis refletir que é laborado e dirigido por inteligências juvenis cuja experiência, por mais razoável que seja sempre deixai de esgar.

O trabalho só corresponde ao autor, quando este se reflete naquele.

Nessas condições se apresenta o «Nosso Jornal».

Queremos também, ao apresentá-lo, agradecer, sinceramente, áqueles que, de qualquer maneira, contribuiram para a sua realização.

Aos alunos dos cursos a que pertence, este jornal, e aos seus respectivos professores, bem como, muito particularmente ao seu Diretor, e competente diretor, cujo auxílio constituiu o fiat desse empreendimento, muito agradece.

A Redação.

de um espirito fortemente idealista, francamente combativo e devoto ao engrandecimento da terra natal, qual foi o de Jerônimo Coelho.

Marden — o grande otimista — dias atuais nos fala, em seus livros, de uma força capaz de remover os mais gigantescos obstáculos.

Essa força ingente — o poder supremo da vontade — conhecia e cria na sua efficacia o fundador da imprensa catarinense.

Não fora isso verdade incontestada e «O Catarinense» não teria passado de um belo mas irrealizável sonho, pois por falta de elementos capazes, viu-se Jerônimo Coelho obrigado, nos primórdios de seu jornal, além de redigir e revisá-lo, a, ainda, compôr e imprimir-lo!

Tinha nesta época Jerônimo Coelho a idade de 25 anos.

Dentre os muitos e importantes cargos públicos que mais tarde foram por ele desempenhados citaremos apenas os seguintes:

Deputado à Assembléa Provincial de Sta. Catarina, Deputado Geral, Presidente das Províncias de Pará e Rio Grande do Sul e Ministro da Guerra.

Era do conselho do imperador, vogal do conselho supremo militar de Justiça.

Foi comendador da ordem de S. Bento de Aviz.

Mexeriquices

Temos aqui um colega
Com uma pose de «sherif»
Que diz que do Piauí
A capital é Recife.

H. B. S. (2.º Ano).

Nosso amigo D. D. S.
Para preso não ficar
Tanto se lastimou
Que chegou quasi a chorar.

O. M. (2.º Ano).

Temos uma coleguinha
Que se tem por muito esperta,
Mas em todos os retratos
Sai sempre de boca aberta.

E. R. (2.º Ano).

Uma outra coleguinha
Muito e muito melindrosa
Pensa que basta usar bróche
Para se ficar formosa.

I. V. (2.º Ano)

Raciocínio de um bebado

Dizem que um copo de vinho
Sendo bom, dá fôrça à gente.
Isso é pêta, certamente,
Tal não posso acreditar,
Pois já hoje bebi treze.
E não tô? — Nem posso andar!

Escreveu vários relatórios nos altos cargos que ocupou.

Faleceu em Nova Friburgo a 16 de janeiro de 1860.

Ao civismo de um pugilo de contrâneos, dentre os quais se destacou o dr. José Artur Boiteux, deve-se a ereção de uma herma desse insigne catarinense, na atual Praça Getúlio Vargas, nesta Capital.

A Academia Catarinense de letras tem Jerônimo Coelho como patrono de uma de suas cadeiras, e a Prefeitura Municipal deu o seu nome a uma das ruas de Florianópolis.

A

Pomada Bruggemann

é o ideal no tratamento de toda e qualquer ferida. Só tem sardas e espinhas quem não usa POMADA BRÜGGEMANN.

Para qualquer ferida — POMADA BRÜGGEMANN e nada mais.